

O fortalecimento da juventude no campo através das organizações sociais: as experiências de Elisangela e Jogleidson



Para os jovens agricultores Elisangela Neves, 29 anos, e Jogleidson Jesus, 25 anos, viver na roça com qualidade é possível, desde que haja a união popular. Eles são primos e moram em Giral, município de Caém/BA. Ambos tiveram vivências parecidas depois de participarem da Associação Beneficente da Fazenda Giral e acessarem políticas públicas de convivência com o Semiárido e fortalecimento da agricultura familiar. Ao invés de sair para a cidade em busca de outros trabalhos, estas experiências que geram renda e o gosto pela terra fazem estes jovens permanecerem no campo.

“Aqui o povo sempre gostou de fazer as coisas juntos. Era mutirões nas roças, 'digitórios' nas 'tarefadas' de mandiocas. E foi assim que lá para os idos de 1998 criaram a associação. Viram que unidos ia conseguir mais benefício”, recorda Elisangela de como foi fundada a associação, em que foi presidente e atualmente é secretária.

Elisangela ainda se lembra dos tempos de longa estiagem e os perrengues que a família passou, “mas mesmo assim nunca tive vontade de morar na rua”. Para participar da associação encontrou dificuldades, mas buscou se fortalecer. “De muito jovem, eu já gostava de ir para as reuniões. Aí com o tempo, as lideranças iam envelhecendo, se afastando, e eu fui me chegando. O difícil mesmo era sair para reuniões fora e porque uma associação ativa exigia muito conhecer”.



Quando Jogleidson se aproximou da associação, Elisangela já tinha uma caminhada. O jovem relata que pouco via a participação da juventude naquele espaço. “Muitos tinha na mente que cidade grande era melhor, se formavam e ia procurar emprego. Eu nunca gostei de rua, preferi ficar aqui”, relata. Atualmente Jogleidson é vice-presidente da associação e diz que um dos desafios tem sido enfrentar sua timidez. “Eu era muito apocado, não gostava de falar em público. Nisso a associação me ajudou muito. Hoje a maioria dos jovens daqui nem tão saindo muito. Aqui acolá um ou outro ainda vai. Mas, já

reparei que de uns tempos para cá outros jovens tão se chegando as reuniões da associação”, conta.

Em 2014, os primos se juntaram a mais outros 24 associados e formaram um grupo de produtores de biscoitos e beiju. “A intenção era ter uma fonte de renda”, explica Jogleidson. A invenção deu tão certo que o grupo passou a fornecer estes biscoitos e hortaliças para o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e ao Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

Também foi participando da associação que os/as agricultores/as souberam dos projetos de implementação de cisternas de produção. E com a chegada dessas tecnologias sociais iniciaram a produção de hortaliças, frutíferas e plantas medicinais ao redor do quintal.

No clarear do dia, Jogleidson já está de pé para cuidar dos canteiros na roça próximo à propriedade da prima Elisangela. Ao redor da cisterna de produção, o jovem cultiva alface, couve, maracujá, abacaxi e aipim. “Eu mesmo cuido das hortas. Começo de manhã cedo, paro meio dia e volto ditardinha”. A venda dos produtos é uma importante fonte de renda. “Vendo na feira. É trabalhoso, mas por enquanto, tô solteiro está dando para viver”, brinca.

Passeando pela propriedade de Elisangela logo se vê o colorido exuberante das leiras de alface, cebolinha, pimentão e outros plantios. A produção é agroecológica e familiar, feita com participação do esposo Weliton Silva, o filho Wesley Vitor, e a mãe Dona Filismina. Os alimentos são destinados principalmente ao consumo e o excedente é vendido nas feiras livres. “Depois dessas cisternas a qualidade de vida aqui mudou muito e aumentou a visão do povo que antes só sabia plantar mandioca. Com os cursos viram que também podia trabalhar com hortaliças”, relata.

Assim como a persistência de Jogleidson tem sido exemplo para os demais jovens da comunidade, Elisangela também é reconhecida entre as mulheres. Há três anos contribuiu na fundação do 'Grupo de Mulheres Sementinhas de Café', objetivando trabalhar a autoestima, fortalecer os laços, trocar experiências, discutir problemas como a violência contra a mulher e resgatar manifestações culturais, a exemplo da cantiga de roda, forte tradição local.

Diante dos desafios e do atual cenário político-social, de constante redução nos recursos destinados à agricultura familiar, Elisangela e Jogleidson têm incertezas do futuro, mas acreditam que através da união do povo nas organizações comunitárias é possível continuar lutando por políticas públicas que viabilizem a permanência das famílias no campo.

